

QUE IDENTIDADES EM CANELAS?

PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DO ESPAÇO SOCIAL NUMA
FREGUESIA DE VILA NOVA DE GAIA

SOFIA MAIA SILVA
ANA LUISA MARTINHO

NOVEMBRO 2006

RESUMO

Procuramos, através do estudo da freguesia de Canelas, em Vila Nova de Gaia, perfilar os horizontes de sentido, colectivos e individuais, que, nesta amostra, nos permitiram conhecer os mecanismos constitutivos de identidade local e patrimonial na freguesia. A abordagem adoptada enfatiza a importância das culturas visuais e a necessidade de construir narrativas críticas resultantes do trabalho com as imagens, partindo da abordagem iniciada por Kevin Lynch sobre a apreensão do espaço vivido, a partir da construção de imagens simbólicas do local. Assim, reequacionamos o conceito de lugar a partir das significações cognitivas, sensíveis e simbólicas que os entrevistados exprimiam sobre Canelas.

Palavras-chave | mapas simbólicos | património imaterial | identidades locais

INTRODUÇÃO

A comunicação que aqui apresentamos enquadra-se num projecto de investigação-acção Clepsidra¹, no âmbito da promoção do desenvolvimento local na freguesia de Canelas do concelho de Vila Nova de Gaia. Pretende-se com este projecto reflectir sobre o(s) universo(s) simbólico(s) implicado(s) nas percepções sensíveis do espaço social pelos seus habitantes. Na senda da abordagem inovadora iniciada pela UNESCO², assente no reconhecimento e preservação de monumentos, locais e formas diversas de expressão e práticas culturais e, actualmente, alargado ao património cultural imaterial e vivo, a nossa análise valoriza as dimensões imateriais e subjectivas do património local.

A proximidade de Canelas face à Área Metropolitana do Porto³ define as suas lógicas de crescimento e transformação, enquanto extensão dos seus limites, respondendo a algumas das necessidades funcionais da cidade vizinha do Porto, através da crescente implementação de serviços utilitários, de vias de acesso e de uma forte construção imobiliária a preços controlados. As identidades culturais locais parecem enquadrar-se numa lógica de globalização que padroniza os modos de vida urbana como referência. Coexistem, contudo, modos e ritmos de vida urbanos e rurais que se traduzem em transformações sócio-espaciais em redefinição.

Partindo da abordagem pioneira de Kevin Lynch (1982) sobre a noção de *legibilidade* e *imaginabilidade* na leitura da cidade, fruto da percepção dos seus habitantes e não como algo em si mesmo, o trabalho procura evidenciar a relação indissociável entre os espaços e os sujeitos. Desta forma, “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as actividades são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis” (Lynch, 1982: 11), sem

¹ Este trabalho tem sido desenvolvido no âmbito do projecto Clepsidra que trata, através de uma metodologia de investigação-acção, o desenvolvimento local da freguesia de Canelas, no concelho de Vila Nova de Gaia. O Clepsidra agrega dois projectos: o micro-projecto RIO (Rede Informal de Organizações), com o qual se procura caracterizar o tecido sócio-cultural de Canelas, nomeadamente através da compreensão das necessidades das Redes Sociais Concelhia e de Freguesia, e estabelecer uma lógica de articulação entre as entidades locais; e o micro-projecto MNESIS, no qual esta comunicação se insere, e que pretende contribuir para a reafirmação da memória e identidade local através da interacção com os espaços e a comunidade local. O projecto que aqui se apresenta é financiado pelo POEDFS (Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social) do Fundo Social Europeu (FSE – União Europeia) e insere-se no âmbito da acção tipo 5.1.2.1. - Promoção da Participação e da Acção Comunitária. A equipa que integra o projecto Clepsidra é constituída por Ana Luísa Martinho, Sofia Maia Silva e Filipa Rocha e tem a coordenação de José Queiroz, da Agência Piaget para o Desenvolvimento (Vila Nova de Gaia), e a supervisão pedagógica de Natália Azevedo, docente e investigadora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² Artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003.

³ A AMP foi criada em 1991 pela Lei n.º 44/91 de 2 de Agosto, publicada em Diário da República, I Série-A, n.º 176, de 2 de Agosto de 1991 e compreende nove concelhos: Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia.

descurar a abordagem sensitiva onde cheiros, sons, imagens, ritmos povoam o imaginário constante dos lugares. No sentido de conhecer a forma como os canelenses se apropriam do espaço, na configuração dos limites, percursos diários, pontos marcantes, centralidades, lugares de referência, alguns instrumentos de análise foram por nós accionados: por um lado, realizámos entrevistas, filmagens e reconhecimentos fotográficos do território; por outro, solicitámos a cada um dos actores sociais um esboço do centro da freguesia. A diversidade na forma de representação dos mapas mentais dos intervenientes, evidencia espaços de linguagem e quadros de referência e valores diferenciados, na imagem simbólica de Canelas enquanto lugar de interações, memórias e vivências quotidianas.

Ao contrariar a identidade do *lugar* na sua qualidade de ligação emocional, de experiências e história, o *não-lugar*, de Marc Augé (1994), resulta dos excessos da *sobremodernidade* e representa os espaços públicos de rápida circulação, transitórios e desprovidos de identidade. No resultado destes excessos, também Canelas apresenta, nos últimos anos, um forte crescimento demográfico e urbanístico, carente de uma reestruturação articuladora dos novos públicos e espaços de interacção. Desta forma, irá Canelas ao encontro da ideia de um *não-lugar*, enquanto ausência de referenciais afectivos, espaciais e temporais na narrativa pessoal e colectiva, ou em contrapartida traduzirá a ideia de *localidade* de Sobral (1999), que conceptualiza os quadros sistémicos das relações sociais que decorrem numa comunidade? Poderá neste contexto periurbano, de possível diluição de um quadro de memórias colectivas e crescente individualização das referências identitárias, considerar-se a existência de um património local?

Da pesquisa empírica procurámos estabelecer pontos de confluência e divergência face à consciência patrimonial, identitária e de pertença nas várias dimensões de apropriação e vivência do espaço local pelos canelenses.

PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO

As estratégias claramente qualitativas e etnográficas, de análise intensiva, adoptadas neste estudo, privilegiam a apreensão dos significados sociais a partir da interpretação das narrativas dos entrevistados e na referência, pelas práticas e discursos, de mundos intersubjectivos. A interpretação da vida quotidiana não pode negar o olhar dos indivíduos na atribuição de sentidos ou nas práticas que estabelecem, de maneira a proporcionar coerência ao

seu mundo social (Pais, 2002: 100). O paradigma interpretativo, próprio da etnometodologia, permitiu-nos reflectir os percursos sociais conjugando as rotinas de acção com as significações e o uso dos recursos disponíveis, não apenas através da teoria mas, sobretudo, pela apreensão da realidade social através do próprio actor e da verbalização que faz do sentido das suas vivências identitárias e em intersubjectividade (Caria, 2003: 15). O conhecimento e análise aplicados neste estudo são, portanto, antes de mais uma forma possível de representação desta realidade, claramente seleccionada a partir dos esquemas de interpretação adoptados. Foi, desta forma, a partir das entrevistas, numa amostra aleatória e qualitativa de 12 pessoas, e da análise crítica dos mapas da vila e das imagens e monumentos reconhecidos pelos entrevistados que procurámos perceber, com a população abordada, os processos de construção identitários e as percepções sensíveis geradas, por eles, neste espaço em análise. A população abordada, habitante ou trabalhadora em Canelas, vem identificada ao longo do texto, em pequenos excertos de entrevista, de forma anónima, caracterizada apenas pelo sexo e idade.

Neste estudo são valorizados os processos intersubjectivos, construídos socialmente através de experiências e vivências quotidianas, sobre um contexto sócio-cultural preexistente, na criação de horizontes de sentido e edificação de formas de interpretação da realidade, e a partir daqui na estruturação e reconhecimento de universos patrimoniais. É no quotidiano local que se reconstroem e actualizam esquemas de significação, a partir das relações de comunicação geradas. Procuramos, assim, perfilar os horizontes de sentido, colectivos e individuais, que, nesta amostra, nos permitam conhecer os mecanismos constitutivos de identidade local e patrimonial, referentes a Canelas e a estes canelenses.

O trabalho que desenvolvemos na freguesia de Canelas projectou, desde logo, integrar o potencial heurístico das imagens, pela fotografia, mapas simbólicos e filmagens, destacando o seu papel na produção de conhecimentos e no processo de comunicação, ao longo de toda a pesquisa etnográfica. A abordagem adoptada enfatiza a importância das culturas visuais e a necessidade de construir narrativas críticas resultantes do trabalho com a imagem, não como mera ilustração mas como instrumento de pesquisa na apreensão do espaço vivido. Tentámos, assim, reequacionar o conceito de lugar a partir das significações cognitivas, sensíveis e simbólicas que os entrevistados exprimiam sobre Canelas. Para conhecer o grau de afectividade dos canelenses pelo lugar e o seu processo de percepção do espaço, adoptámos uma abordagem imagética que permitisse, pela descrição de imagens, cheiros e sons e pelo retrato de simbologias, conhecer diferentes imaginários que povoassem a vila. O potencial emergente desta abordagem é descrito também por Fortuna na medida em que “neófito naquelas

paisagens, cedo me foi dado a perceber como a cidade soa e ressoa, disso se construindo também a sua imagem e identidade” (1998: 22). Assim, a utilização da imagem serviu não apenas como técnica de pesquisa mas também como processo facilitador e enriquecedor de comunicação a partir do qual efectuámos a abordagem no terreno e com a qual vamos proceder à devolução do trabalho à comunidade local, esperando com isso conseguir chegar a uma maior diversidade de públicos.

Com a análise das percepções sensíveis do espaço pretendemos conhecer o processo de *inteligibilidade* da vila, segundo o conceito adoptado por Kevin Lynch, na medida em que a identidade local resulta justamente da construção das resignificações que se fazem a partir das apropriações do espaço vivido. Assim, “uma cidade legível será aquela em que as freguesias, as fias ou os sinais de delimitação são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais” (Lynch, 1982: 13), proporcionando segurança emocional e harmonia uma vez que “intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana” (*ibidem*: 15).

A adopção da técnica de Lynch sobre os modos de representação da cidade a partir das suas imagens foi uma forma de iniciação nesta abordagem, tendo sido progressivamente reformulada e ajustada aos objectivos propostos e ao contexto local, claramente distinto do das cidades de Boston, Jersey City e Los Angeles, onde o autor aplicou a sua metodologia. Recorremos à utilização das fotografias para provocar, nos entrevistados, a alusão aos lugares e referência que, numa primeira análise, eram propostas por nós e logo reconduzidas pelos entrevistados que traziam novas imagens simbolicamente significativas da freguesia. Solicitámos também o esboço de mapas mentais do centro da vila, no qual foram retratadas percepções diferentes do seu sítio geográfico e utilizados diferentes símbolos e tipologias na forma de o representar. A câmara de filmar, quase sempre presente na abordagem no terreno e com os entrevistados, integra igualmente o processo de edição dos resultados que pretendemos devolver à comunidade local e complementa a referência aos imaginários locais retratados neste projecto. Do ponto de vista mais lato, e na abordagem na abordagem *das percepções sensíveis do espaço social em Canelas*, o projecto de investigação-acção que aqui desenvolvemos define a câmara fotográfica e de filmar como recursos privilegiados na comunicação com a população, sendo esta mesma convidada a gerir o manuseamento dos instrumentos de recolha e a apresentação das imagens. Por outro lado, potencia-se o retrato de memórias biográficas e dos espaços em Canelas, contribuindo para uma nova abordagem emergente onde também os gestos, pronúncias, biografias anónimas, podem ocupar lugar na história viva.

Através da análise das imagens fortes na freguesia, das sensações visuais da cor, da forma, dos cheiros, percepções cinestésicas e auditivas, simbolicamente mais representativas

das especificidades locais, encetámos um outro esforço analítico: o de compreender qual o grau de *imaginabilidade* de Canelas presente nos entrevistados e em que medida este se reflecte numa consciência patrimonial e de identidade local. O conceito de *imaginabilidade*, igualmente introduzido por Lynch (1982) representa a capacidade de uma cidade ser imaginável para os seus observadores, na medida em que seja capaz de proporcionar imagens claras e vivamente identificáveis, através da sua força, visibilidade, coerência nas inter-relações dos espaços, capazes de produzir reconhecimento, ainda que perceptíveis de forma diversa pelos diferentes interlocutores. Debate-mo-nos, assim, nas próximas páginas, com a possibilidade da apropriação dos lugares e a recriação de memórias sensíveis vividas pelos entrevistados, que evidenciem a presença de espaços de identidade e património em Canelas.

O LUGAR DO PATRIMÓNIO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

PAISAGENS URBANAS

Para compreendermos os processos de transformação das identidades locais é importante atendermos aos referentes culturais que materializam e simbolizam os espaços e sentimentos de identificação locais. Assistimos, nestes contextos urbanos e periurbanos, à influência dos símbolos e imagens urbanas, enquanto poder simbólico dominante, pela sua reprodução ou recriação. Efectivamente, além do seu lado tangível e material, os espaços locais são também realidades imaginadas e potenciadoras, muitas vezes, de imagens contraditórias e identidades difusas (Fortuna e Peixoto, 2002:18).

A população portuguesa sofreu fortes transformações económicas, políticas, espaciais e demográficas a partir dos anos 60 e até à última década do século XX. Este período corresponde, na assumpção de Costa e Machado, aos 30 anos de “mudança estrutural” (1998: 17), de grande importância para a reconfiguração da sociedade portuguesa e da cidade. Estas transformações evidenciaram fortes movimentos migratórios, traduzidos pelo crescente êxodo rural, concentrando a sua população maioritariamente no litoral e principalmente nas duas grandes áreas metropolitanas, que se encontravam em acelerado processo de industrialização e posteriormente tercerização. Desta forma, o processo de modernização ocorrido durante as três décadas supracitadas contribuiu para a desagregação da ruralidade e consequente desenvolvimento da urbanidade, na implementação de novas estéticas urbanas, aglomeração

populacional, alteração das práticas de desenvolvimento económico e, necessariamente, novas dinâmicas sócio-culturais que acompanham os tempos de pós-modernidade.

A cidade constitui-se, assim, num território em rede, palco de múltiplas interacções, mobilidades e práticas culturais. Existe uma heterogeneidade que assenta num complexo sistema de papéis sociais do indivíduo, que se encontram desdobrados e diversificados no contexto citadino. Desta forma, o meio urbano agrupa uma heterogeneidade de actores e proporciona diversas mobilidades, o que complexifica as relações que nele são geradas e, com isso, fomenta a concentração das mais diversas práticas, serviços e indivíduos. As especificidades dos modos e estilos de vida em ambientes metropolitanos e as mutações nos valores e práticas sociais têm um peso relevante para explicar esta concentração. Com efeito, as exigências cada vez maiores e mais diversificadas ao nível dos estilos de vida e dos padrões de consumo implicam a formação de limiares críticos nos mais diversos campos, e permitem responder a uma crescente multiplicidade de aspirações, expectativas, práticas e representações, num contexto de afirmação identitária cada vez mais difusa e diversificada.

Assim, cidades, vilas ou outras configurações espaciais e morfológicas constituem-se enquanto realidades sociais dinâmicas. São espaço de tensão permanente entre diferentes centralidades e protagonismos, estruturados num sistema relacional de trocas simbólicas e materiais entre os actores sociais locais. As novas referências culturais urbanas vêm marcar, em Canelas, a emergência de outras formas de imaginar e representar a cidade e assumir lugar nos projectos de vida dos seus actores, revestindo os ideais de modernidade e cosmopolitismo, os consumos culturais, de turismo e lazer, de valor acrescentado. Entendemos, por isso, também Canelas enquanto espaço de identidades culturais locais que se enquadram dentro de uma lógica de globalização que padroniza os modos de vida urbana como referência. De uma forma geral, foi nos entrevistados mais jovens que notamos, de forma mais evidente, a permanente comparação e referência aos ícones urbanos, apontando-os como as principais carências da vila de Canelas: “[sobre a Rechousa] *Gosto de estar lá, mas também é muito parado. Gosto mais do Porto do que de Gaia (...). Acho que tem pouca coisa. Mais coisas para as pessoas passearem. Acho que é muito pequeno. Precisa de mais divertimentos.*” [entrevistada nº 6, 14 anos].

Contudo, uma certa hibridação acaba por caracterizar estes espaços suburbanos que protagonizam, simultaneamente, sentimentos de pertença locais e referências urbanas emergentes. O conceito de *local globalizado* de Michel Agier explica-nos que o processo de criação cultural, na fabricação de um imaginário urbano, encontra-se disseminado, sob efeito das dinâmicas da globalização, ultrapassando os limites da cidade, numa espécie de “dissociação entre os lugares, as identidades e as culturas” (2001: 21). O autor considera, assim, a presença

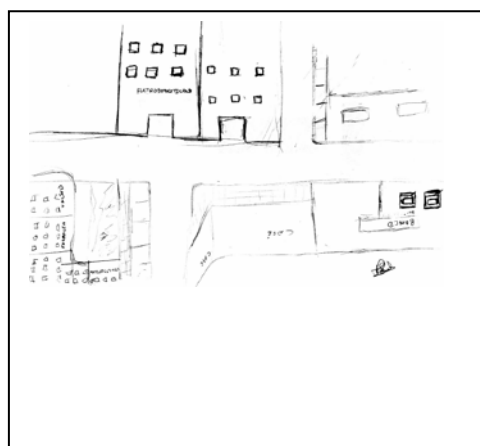
de uma intertextualidade entre todas as culturas, nos espaços urbanos, pela coexistência de socializações múltiplas e da afirmação de novas culturas de identidade.

Atendendo ao forte crescimento registado em Canelas nos últimos anos, que povoou a vila de novos habitantes que até aí não tinham história no lugar, poderemos a partir de agora falar numa nova cultura de identidade nesta freguesia? Ou será que o crescimento desorganizado da vila e a natureza funcional e talvez ocasional de apropriação deste espaço suburbano não permitiu ainda a redefinição da sua identidade?

A caracterização e desenho do centro de Canelas pelos entrevistados são exemplificativos da presença destes novos referenciais urbanos nas percepções simbólicas da vila, pelos entrevistados. Notámos, assim, uma polarização das respostas em relação a esta questão. Por uns, é identificado um centro cívico em Canelas, visível nos mapas mentais 3 e 4, com base nos elementos que tradicionalmente centralizam as freguesias, “porque tem a Igreja Matriz, o cemitério, são equipamentos que normalmente existem no centro de quase todas as freguesias, e a acompanhá-la tem todo um espaço envolvente, o jardim de São João” [Entrevistado nº 10, 44 anos]. Por outros, é identificado um centro funcional, caracterizado nos mapas mentais 1 e 2, claramente mais voltado para a oferta e aglomeração de serviços. Ainda que este último caracterize um espaço mais recente em Canelas, é porém o que melhor representa a centralidade das necessidades e dos ícones claramente associados a um desenvolvimento urbano na freguesia, porém será o primeiro centro aquele que detém maior valor histórico. Poderemos, a partir daqui, reequacionar os modelos de centralidade e a sua dimensão volátil, claramente, enquadrada em esquemas de percepção diversos e em actualização.



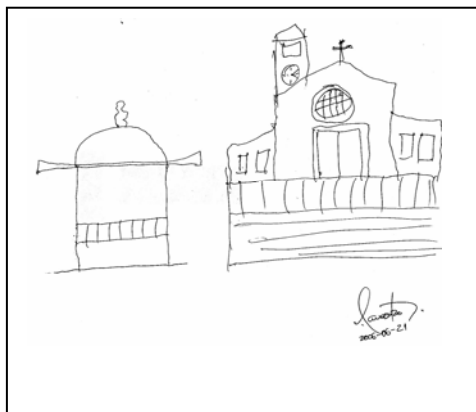
Mapa Mental 1 do Centro de Canelas;
(Entrevistado nº 2, 12 anos)



Mapa Mental 2 do Centro de Canelas;
(Entrevistada nº 5, 30 anos)



Mapa Mental 3 do Centro de Canelas;
(Entrevistada nº 9, 47 anos)



Mapa Mental 4 do Centro de Canelas;
(Entrevistado nº 10, 49 anos)

A crise funcional de determinados espaços centrais, o crescimento desequilibrado dos territórios urbanos, a saturação dos espaços e especulação imobiliária, a crescente preocupação sobre a perversidade ecológica e estética das cidades e o défice de identidade local têm vindo a requerer uma reorganização dos espaços internos da cidade a nível funcional, social e morfológico. As novas configurações de crescimento, à imagem das tipologias das áreas urbanas, como os espaços de lazer, tecnológicos, as grandes construções, os subcentros periféricos evidenciam um sistema urbano por vezes desajustado. Neste quadro de mudanças sociais e espaciais, centralizadas sobre o protagonismo urbano dos grandes centros, qual o lugar identitário reservado para as periferias?

PAISAGENS PERIURBANAS

Os espaços periurbanos, como define España, são “espaços plurifuncionais onde coexistem características e usos do solo tanto urbanos como rurais, submetidos a profundas transformações económicas, sociais e físicas e com uma dinâmica estreitamente vinculada à proximidade de um núcleo urbano” (1991:8). A proximidade de Canelas ao centro urbano da cidade do Porto acaba por definir a sua lógica de crescimento e transformação, enquanto extensão dos seus limites e funcionalidades. Embora sejam espaços sociais diferenciados, os territórios periurbanos circundantes e Canelas, em particular, vêm a dotar-se de serviços utilitários, facilidade nas vias de acesso, forte construção imobiliária a preços normalmente controlados, justaposição de espaços rurais e urbanos, de forma a responder a algumas das

necessidades funcionais da cidade vizinha. Encontrámos nos canelenses a evidência deste carácter utilitário quando confrontados com a razão que os levou a escolher Canelas como lugar para viver e/ou permanecer: *"segurança, sei lá. O preço das casas, hoje em dia viver para Canelas, para Gaia é muito mais barato. (...) Hoje em dia também temos boas estradas, que dão acesso a tudo. Até ver o que de melhor fizeram em Canelas foram as estradas."* [entrevistado nº8, 27 anos]. Constatámos a prevalência dos valores de dimensão utilitária, pela proximidade ao centro e ao que este oferece e uma certa ocasionalidade, na medida em que, em traços gerais, as razões de selecção da freguesia, enquanto local escolhido para viver, se aplicariam facilmente a outra freguesia vizinha, não se verificando referências simbolicamente expressivas da cultura local de Canelas como razão para a preferência. *"Fica perto da praia, o que acaba por ser um ponto forte. E acaba também por ser mais barato comprar aqui apartamento do que perto da praia, mesmo ao lado da praia. E com bons acessos, neste momento. Depois tem um sítio, uns chineses. Tem dois grandes armazéns, mas mesmo grandes. Depois tem de tudo, tem confeitaria, tem de tudo aqui. Não preciso sair deste centro."* [Entrevistada nº 5, 30 anos].

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE LOCAL

A substituição dos espaços referenciais de pertença, a subalternização do elemento territorial no quadro das interacções sociais, a internacionalização das políticas e dos espaços correspondem a uma transformação das categorias de tempo, espaço e indivíduo, numa perspectiva pós-moderna de perda da *inteligibilidade* do lugar e da história em função da mundialização cultural. A circulação mundial de pessoas e bens, a crescente urbanização, os ambientes tecnológicos e a informação em rede, que envolvem a ideia de interdependência global, individualizam as referências identitárias e levantam novos desafios face à conceptualização de lugares nas práticas colectivas e individuais. Será possível, no entanto, habitar um *não-lugar* (Augé, 1994) e desenvolver uma identidade fluida, em torno da ideia de cidadão do mundo, proclamando a descentralização das fronteiras e autonomia e renunciando ao sentimento de identidade e comunidade?

A preservação dos referenciais identitários territoriais, pese embora os processos crescentes de globalização, parece conferir a coesão identitária necessária à estabilidade funcional e integradora dos espaços, ainda que esta possa acontecer de forma renovada e não necessariamente condicente com as narrativas tradicionais. Assim, "a continuada afirmação de identidades comunitárias alternativas apenas afirma e reforça a crescente importância da

vertente cultural e o crescente investimento emotivo, quer em termos de patrimónios de herança, quer em termos de diversidade cultural identitária, tornando pouco credíveis cenários de complexa homogeneização num mundo transformado" (Patrício, 2005: 226).

Num eclodir de referenciais urbanos, Simmel (1997) descreve-nos a atitude *blasé* enquanto consequência da racionalidade metropolitana, acelerada pela mudança e ritmos urbanos que, desta forma, provoca a indiferença e distanciamento das pessoas face a elementos distintos e mesmo à proximidade aos outros. O limitado espaço entre as multidões e a permanente oferta da novidade justificam um distanciamento mental e indiferença que vêm a caracterizar os excessos racionalizadores e défices emocionais urbanos (Simmel, 1997: 38). No entanto, até que ponto as identidades construídas em torno do espaço de Canelas corroboram esta tendência individualista e racionalizada a que associamos as práticas urbanas? Do ponto de vista da valorização simbólica dos elementos caracterizadores de Canelas percebemos que, contrariando estes excessos, os entrevistados distinguem as relações de proximidade na população enquanto factor de eleição do local. *"As pessoas. (...) São acolhedoras, simpáticas. Ao início, a primeira vez que vim para cá foi... acho que ajudam a encontrar qualquer sítio. São muito acolhedoras."* [Entrevistada nº 3, 23 anos] e *"Eu p'ra sair de minha casa p'ra ficar em Canelas, era só ali, não ficava em lado nenhum, em sítio nenhum. Agora p'ra gente vir passear... vir até cá abaixo, até ao jardim... (...) Às vezes vou até ao jardim, sento-me lá, e assim, gosto. (...) Aqui Canelas... tem assim muito... é muita gente, anda muita gente, não é uma aldeiazinha, não é uma aldeiazinha, é uma Vila mas é quase... é quase uma cidade."* [Entrevistada nº 11, 69 anos] e *"Canelas sempre foi uma freguesia de certa forma invejada pelas... pelas freguesias vizinhas ou pelas outras freguesias do Concelho, eh... pelo seu bairrismo e pela... pela sua força... colectiva."* [Entrevistado nº 10, 44 anos]. Estes sentimentos põem em causa algumas das tendências de individualização das sociabilidades locais que poderíamos tender a considerar, dada a recente e forte aglomeração de construção habitacional e, por consequência, os novos públicos, surgidos em Canelas. Parecem prevalecer as referências às relações de proximidade e vizinhança local e evidenciam-se necessidades de pertença capazes de constituir espaços de reconhecimento identitário na freguesia.

Marc Augé fala também de *lugares antropológicos* (1994) para retratar este espaço identitário, histórico, de encontro e referência afectiva, revestido de sentido, em oposição à ideia do *não-lugar*. Para o autor, dotar o lugar de identidade passa por revolver o seu passado enquanto lugar da memória. É justamente a necessidade identitária que tem incentivado o *boom* de estudos recentes sobre a memória. O sociólogo Maurice Halbwachs vem inicialmente a retratar as "memórias colectivas" como memórias vivas, sentimento de continuidade e

renovação, presente na consciência de um grupo que, só por isso, a mantém (1990:67). Tal como Pierre Nora, a memória não é entendida como lembrança estática, como o é a história, mas antes conduzida por grupos e pessoas e, por isso, susceptível a mudanças, deformações e manipulações. O “lugar da memória” (Nora, 1993) é permanentemente preservado e revitalizado por grupos vivos, permitindo, desta forma, a identidade e a diferenciação do grupo.

A identidade local resulta assim de um processo de construção social que resulta da confluência de diversos factores. Firmino da Costa (Costa, 2002: 27) distingue três modos de manifestação contemporânea das identidades culturais: as *identidades experimentadas*, que retratam os sentimentos de pertença partilhados por um determinado grupo, enquanto resultado das suas experiências de vida; *identidades designadas*, que provêm dos discursos icónicos produzidos em volta de uma colectividade ou grupo, que lhes são exteriores; *identidades tematizadas*, que designam uma política reflexiva, de visibilidade pública, muitas vezes legitimadoras de determinadas construções identitárias. A identidade local não é assim um receptáculo passivo de práticas, actores e actividades, mas antes um processo de gestão marcado por factores conjunturais, relacionais e flutuantes que implicam relações afectivas de pertença e reconhecimento e relações imaginárias que nos remetem para os lugares de referência. Não são também, como explica o autor, relações de identidade exclusivamente endógenas, do ponto de vista da criação de factores de promoção identitários que, com base na recriação de histórias e paisagens, imagens publicitárias e turísticas, se podem desenvolver identidades locais a partir de condicionantes exógenas, de acordo com a “performatividade das tradições” de que nos fala Peixoto (2003:219).

Percebemos, assim, a necessidade de pensar as identidades locais num quadro de processos sociais mais alargados, dentro de um quadro de negociação de diferentes identidades e referenciais, por vezes contraditórios. Será claramente importante perceber que a diversidade e a mobilidade sociocultural que integram as lógicas de interacção locais embora nos permitam avaliar diferentes índices de construção de laços e sentimentos de pertença locais, num determinado contexto, não deverão ser extrapolados para a assumpção de existência de uma identidade local homogénea, claramente associada à ideia tradicionalista e romântica de comunidade.

PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DO LOCAL

No que concerne a relação entre o rural e o urbano, Canelas apresenta uma morfologia híbrida na medida em que embora tenham sido as actividades à volta das pedreiras, na Serra de Canelas, as que melhor preencheram a história da freguesia, actualmente não encontramos nem práticas nem paisagens rurais representativas de um “tipo ideal de comunidade” rural (Wirth, 1997: 46). Existe um rancho folclórico local que representa ainda os trajes tradicionais rurais porém sem substrato representativo na população da vila. Não identificámos também Canelas com um contexto urbano, se não apenas pela relação de proximidade e necessidade funcional que atrás referimos. A carência de certos serviços, espaços de lazer e cultura, associados aos ícones metropolitanos, para além das sonoridades e paisagens que normalmente os acompanham, distanciam esta freguesia das referências urbanas. É, então, um misto entre as grandes construções aglomeradas, a forte densidade populacional e as vastas zonas industriais e os ritmos calmos e os sons verdes que povoam a freguesia que descrevem, face às referências relativas que temos dos conceitos de campo e cidade, uma morfologia descaracterizada em Canelas.



Figura 1. Fotografia da zona industrial de S. Caetano, em Canelas.



Figura 2. Fotografia no jardim de S. João, em Canelas.

Neste quadro de transformações da freguesia interessou-nos relacionar elementos sensoriais, como a visão, a audição e o olfacto, de modo a compreender e complementar a nossa análise das percepções sensíveis do espaço, pelos canelenses, na caracterização ou descaracterização das identidades locais.

A visão esteve presente ao longo de todo o guião, especialmente quando foi pedido aos entrevistados que reconhecessem determinados lugares da freguesia em suporte fotográfico e que os comentassem. O registo de mapas mentais da freguesia e o recurso ao reconhecimento dos lugares através da fotografia evidenciam o capital simbólico que certas imagens representam para os canelenses e aproxima-nos da análise que tentámos fazer sobre a percepção destes acerca do património local. Desta forma, pudemos desde logo compreender que a primeira selecção de imagens feita pelas investigadoras envolvidas no projecto, prévia ao contacto com a população, que pretendia captar uma primeira abordagem no terreno pelo reconhecimento dos limites e vias principais da freguesia e das imagens aparentemente mais representativas de Canelas, aos nossos olhos, não era totalmente partilhada pelos entrevistados, nem tão pouco exemplificativa das representações visuais que estes faziam do local. No reconhecimento dos principais elementos caracterizadores da freguesia, centrámo-nos principalmente sobre os monumentos e jardins principais considerando que estes teriam o maior valor simbólico para Canelas.



Figura 3. Fotografia do jardim de S. João, em Canelas



Figura 4. Fotografia da Igreja Matriz, em Canelas

Pudemos, no entanto, constatar que esta visão não se coaduna totalmente com a dos entrevistados. Por um lado, foram salientadas efectivamente estas edificações com valor histórico e educativo mais evidente, enquanto marcos quase turísticos da freguesia, como o coreto, a igreja matriz, a estátua do pedreiro e de Eça de Queirós. No entanto, este património edificado embora seja reconhecido como tal não apresenta um investimento afectivo significativo por parte da população que, muitas vezes desconhece as razões histórico-culturais que os justificam. Temos o caso da estátua de Eça de Queirós, construída em 1997 e que pretende

representar a ligação do poeta com a freguesia, através do seu casamento com uma das proprietárias do Solar Condes de Resende, situado em Canelas. Na apreciação dos entrevistados: *"daqui não tenho muito que dizer, prontos, dá ao menos para embelezar aquele jardim, ali em frente aos prédios"* [Entrevistada nº 1, 32 anos] e *"isto aqui.... não sei. (...) Não. Nunca estudei Canelas"* [Entrevistada nº 5, 30 anos]. Sobre o coreto, reproduzido no brasão da freguesia, *"acho que para turistas... esta não é uma zona turística, mas para pessoas que venham cá passar férias, podem tirar fotografias, guardar fotografias. É um museu! Pode dizer-se que é um museu porque nunca é utilizado"* [entrevistada nº 1, 32 anos] e *"conheço porque é mesmo ao lado da Igreja, agora o que é, para que serve, não sei, não sei se é para algum evento"* [Entrevistado nº 8, 27 anos].



Figura 5 | Fotografia da Estátua do Eça de Queirós, em Canelas



Figura 6 | Fotografia do Coreto de Canelas

Por outro lado, é fora das imagens por nós seleccionadas que encontramos o maior número de referências comuns entre os entrevistados sobre os elementos mais representativos de Canelas, do ponto de vista material e imaterial. O carácter funcional é mais uma vez um dos mais valorizados nesta selecção. Assim, foram referidos: o estádio de futebol e as "francesinhas" enquanto elementos que, num primeiro momento, mais lembravam Canelas aos entrevistados. *"Futebol. Tem o futebol de Canelas. Mais nada"* [Entrevistado nº 8, 27 anos]; *"As francesinhas!"*

Quando as pessoas ouvem, é logo, associam logo às francesinhas" [Entrevistada nº 12, 27 anos]. Do ponto de vista imaterial também foram relevados aspectos caracterizadores de Canelas, como a calma e a ruralidade a que associavam os ritmos da vila e a simpatia e proximidade relacional da população: *"Tranquilidade. Além dos serviços, aquela tranquilidade que não se encontra em muitos lugares. E Canelas é tão próximo de Gaia e do Porto e tem uma paz que já não existe em Gaia (...) ainda há espaços, ainda se respira. Ainda se vê o céu, não é? Que é fundamental."* [Entrevistada nº 9, 47 anos]. A audição e o olfacto vieram também reforçar o domínio imaterial simbolicamente distinto em Canelas. A mesma entrevistada fala-nos de uma alteração de paisagens visuais, sonoras, olfactivas e cinestésicas, quando descreve o seu percurso de casa, no centro de Gaia, para o trabalho, em Canelas e vice-versa. Evidencia as quebras do ruído, das grandes construções, da insegurança e poluição que contrastam com o silêncio, o verde e a segurança, para ela, característicos da sua estadia por Canelas: *"acho que é por isso que eu gosto. Parece que estou na aldeia. Assim como quando saio, vou para o stress. (...) Quando saio e chego à fronteira, chego ao outro lado, saio de Canelas, a preocupação já é outra, vejo se o carro está trancado. E aqui já não me preocupo com isso"* [Entrevistada nº 9, 47 anos]. Apesar de todos os sentidos serem alvo da nossa atenção, o facto é que estes dois elementos sensoriais, audição e olfacto, não constituem os sentidos mais valorizados na sociedade actual, claramente voltada para a imagem, do ponto de vista dos modos de percepção estéticos, fruto dos ritmos da globalização, e do ponto de vista da escrita, no campo académico e de investigação, nas ciências sociais. Em particular, o olfacto sofre claramente uma despromoção social, influenciada pela evolução histórica da eliminação dos odores.

Cada localidade, apesar das suas similitudes, tem elementos visuais, sonoros e olfactivos distintivos e que se podem constituir em elementos de colectividade e quiçá de património, "não há duas cidades iguais e cada cidade, para além de todos os elementos comuns que se tornam comparáveis com outras, define-se em torno de um feixe de traços idiossincráticos" (Cordeiro, 2003: 185). Parece-nos, por isso, que a cartografia de sons, ritmos, imagens e odores, que povoam o imaginário constante dos lugares, será fundamental para o enriquecimento da abordagem das formas de apropriação do espaço, pelos canelenses, na apreensão dos limites, percursos diários, pontos marcantes, centralidades e lugares de referência e patrimoniais em Canelas.

EM JEITO DE CONCLUSÃO. CANELAS: QUE PATRIMÓNIO?

A prevalência de culturas identitárias e de memórias poderá denotar uma *consciência patrimonial* (Peixoto, 2003: 213), pese embora o anonimato das relações e desenraizamento local, resultantes dos processos de forte mobilização e urbanização e a extinção dos modos de vida tradicionais, nos espaços centrais e periféricos da cidade. A identidade colectiva deverá, assim, ser entendida num quadro de relações plurais que ultrapassam o espaço local e que nos fazem debater: até onde alargar o conceito de património na sua imaterialidade e fluibilidade. Na resposta do autor, a consciência patrimonial “é uma reacção contra o risco de desaparecimento, mas que arrasta consigo o objectivo de promover a regeneração. O luto, em sentido metafórico, se transposto para o domínio grupal, funda as relações sociais numa memória colectiva: a dos antepassados e dos espaços comuns” (Peixoto, 2003: 213). Assim, as narrativas identitárias, a partir das quais poderemos perceber o património reconhecido, poderão ser, como os *lugares da memória* de Nora (1993), provisórios e negociáveis, no que concerne às relações de poder que se estabelecem local e globalmente e às dinâmicas de valorização cultural, patrimonial, e também identitárias.

Não sendo, em Canelas, evidente a identificação de características identitárias específicas do local, não será também possível considerá-la um *não-lugar*, como nos fala Augé, ignorando toda a história e memórias da freguesia. Sobre a dicotomia de *lugar* e *não lugar*, diz-nos o mesmo autor, que estes “não existe[m] nunca de forma pura; ali os lugares recompõem-se, as relações reconstituem-se (...) O lugar e o não lugar são como polaridades falsas (...) palimpsestos onde se reescreve sem parar o jogo intrincado da identidade e da relação” (trad. autor, Augé, 1994: 84)⁴. Assim, resta-nos um espaço intermédio onde efectivamente se medeia a realidade, onde a identidade colectiva num sentido puro e a ausência de qualquer referencial identitário balizam um estado interposto e instável que caracteriza, no tempo e no espaço, um determinado sentimento de pertença local.

Onde encontrar, então, elementos de patrimonialização e identidade em Canelas e nos canelenses, actualmente? Verificando que a população canelense entrevistada não reconheceu valor simbólico substancial na selecção mais monumentalista e paisagística que fizemos dos aspectos aparentemente mais marcantes da freguesia, resta-nos tentar compreender qual a apropriação simbólica dos espaços e dinâmicas locais. Partimos do entendimento que existe um

⁴ “no existe nunca bajo una forma pura; allí los lugares se recomponen, las relaciones se reconstituyen (...) El lugar y el no lugar son más bien polaridades falsas (...) son palimpsestos donde se reinscribe sin cesar el juego intrincado de la identidad y de la relación”, cit. Augé, 1995:84.

carácter construído do património que, por um lado, confere apropriações diferenciadas dos elementos culturais capazes de desencadear o reconhecimento patrimonial e, por outro lado, que existe um efeito dialéctico entre o local, a sua história, memórias, interacções, espaços, sonoridades, cheiros, ritmos e os actores, capazes de criar e recriar novas vivências do local.

Tal como na abordagem iniciada pela UNESCO no alargamento do conceito de património cultural aos domínios imaterial e vivo, que entende que “as práticas, representações, expressões, conhecimento e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural” (UNESCO, Artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial: 2003), a nossa análise também procurou valorizar as dimensões imateriais e subjectivas, em Canelas. Pese embora a aproximação e respeito, da UNESCO, pelas subjectividades, continua, ainda assim, a não ser prioritário, para estes, o reconhecimento das especificidades culturais onde se patenteiam as diversidades locais e ainda a valorizar-se uma política selectiva de certificação do que é património, a favor das paisagens distintas (Peixoto, 2000:8). Desta forma, não se reconhecendo empiricamente, no contexto abordado, nem o carácter distintivo patrimonial valorizado nas classificações da UNESCO, nem os elementos marcantes seleccionados pelas técnicas envolvidas no projecto, ainda assim preside um reconhecimento identitário face ao local pelos entrevistados.

Este reconhecimento de uma *consciência patrimonial* (Peixoto, 2003: 213) baseia-se porém, no que conseguimos apurar, em sentimentos desenvolvidos e reforçados pelo quotidiano, pela criação de uma memória e história de vivências pessoais que aconteceram, de certa forma ocasionalmente, na freguesia. Esta ocasionalidade e funcionalidade que percebemos a partir das entrevistas e que apresentámos atrás, revela uma baixa percepção sobre as especificidades locais e pouca intencionalidade na razão de escolha de Canelas enquanto sítio para viver, predominando os factores transitórios e circunstanciais, de foro profissional ou familiar, sobre este destino. Poderemos, desta forma, alargar este domínio de percepção de Canelas a uma forma de expressão da imaterialidade e subjectividade patrimonial, conscientes da carência de referências especificamente locais, nos canelenses interpelados? Ou será no entanto legítimo que esta abordagem de investigação, necessariamente exógena, negligencie as afirmações de identidade local em Canelas em prol de um ideal de evidência e especificidade que gostaríamos de encontrar, correndo o risco de não conceber a diversidade de apropriações subjectivas do espaço como algo que vale por si? Necessariamente evidenciam-se espaços de identidade e memória local em Canelas que reforçam o carácter utilitário, ocasional, periférico e de

sociabilidades que caracterizam os espaços de apropriação e identificação da freguesia. A própria UNESCO tem vindo a enfatizar o domínio intangível da herança cultural das comunidades, pelo seu carácter plural e construído, na medida em que “esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, incultindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana” (Unesco, Artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial: 2003).

Entendemos nesta análise que o património cultural local, enquanto processo de reconstrução social, reforçado pelas dinâmicas de interrelação locais, se interioriza, sedimenta e legitima na própria comunidade local, num contexto de realidade dinâmica, onde coexistem diversos horizontes de interpretação e universos patrimoniais. Parece-nos que, pese embora algumas lacunas de reforço positivo sobre a reapropriação dos espaços e identidades locais, pouco readaptadas às fortes transformações demográficas e urbanísticas que continuam a modificar as paisagens do local, os factores de ordem subjectiva, porque eleitos pelos entrevistados, deverão ser alvo de relevo no entendimento da presença de uma consciência patrimonial em Canelas, mesmo que pouco sedimentada fora dos espaços de vivência quotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel (2001) "Distúrbios identitários em tempos de globalização", *in* *Mana*, vol.7, 2,7-33.

AUGÉ, Marc (1994 [1992]) *Los No Lugares Espacios del Anonimato: Una Antropología de la Sobremodernidad*, Barcelona: Gedisa Editorial.

CARDOSO, Óscar; FIRPI, Elena; LOBETO, Cláudio; TREJO, Roberto (1997), "La construcción de lo visual en un proceso de integración regional. Dagnóstico de la industria audiovisual en el Mercosur" *in* II Reunión de Antropología del Mercosur, *Fronteras Culturales y Ciudadanía*, Uruguay.

CARIA, Telmo (2003), "A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras" *in* Caria (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 9-18.

CORDEIRO, Graça Índias (2003), "Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca", *Revista de Sociologia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

COSTA, António Firmino da (2002), "Identidades culturais urbanas em época de globalização", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 48, 15-30

COSTA, António Firmino; MACHADO, Fernando L. (1998), "Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social", *in* José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras: Celta Editora, 17-44.

ESPAÑA, E. D. (1991), *La agricultura en espacios periurbanos en el municipio de Alboraya*. Valencia : Universidad de Valencia.

FEATHERSTONE, Mike (1997), "Culturas globais e culturas locais" *in* Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta, 83-104.

FERREIRA, Vítor Matias; GUERRA, Isabel (1993), "Identidades sociais e estratégias locais" *in* *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Actas do Encontro de Vila do Conde, Associação Portuguesa de Sociologia, 299-317.

FORTUNA, Carlos; PEIXOTO, Paulo (2002) "As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas", *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora.

FORTUNA, Carlos; PEIXOTO, Paulo (2002), "A recriação e reprodução de representações no processo de transformação das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas" *in* Fortuna e Boaventura (org.), *Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 17-59.

FORTUNA, Carlos (1999), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras: Celta.

FORTUNA, C. (1998), "Imagens da cidade: Sonoridades e Ambientes Sociais Urbanos", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51, 21-42.

HALBWACHS, Maurice (1990), *A Memória Colectiva*. São Paulo: Vértice.

JOLY, Martine (1999), *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa: Edições 70, 119-136.

LYNCH, Kevin (1982 [1960]) *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70.

LOPES, João Teixeira (2001), "Identidades, estilos, repertórios culturais. Um certo ponto de vista sobre a cidade" in Pinheiro, Magda *et al.* (coord.), *Cidade e Metrópole. Centralidades e Marginalidades*, Oeiras: Celta, 181-194.

MARTINS, Moisés de Lemos (1996), *Para uma Inversa Navegação: O discurso da Identidade*, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

NORA, P. (1993), "Entre a memória e a história: a problemática dos lugares", *Projeto História*, São Paulo, 10, 7-28.

O'CONNOR, J. Wynne, D. (1997), "Das margens para o centro" in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta, 189-206.

PAIS, José Machado (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PATRÍCIO, Carlos (2005), "Globalização e espaços de referência identitária", *Finisterra*, Revista Portuguesa de Geografia, Lisboa, vol XL, 79.

PEIXOTO, Paulo (2003), "Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades", *Sociologia*, 13, 211-226.

PEIXOTO, Paulo (2000), "O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas", *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, nº 155.

RAMOS, Manuel João (2005), "Breve nota crítica sobre a introdução da expressão «património intangível» em Portugal" in Vítor Oliveira Jorde (org.), *Conservar para Quê?*, Porto – Coimbra, DCTP-FLUP-CEAUCP-FCT, 67-76.

RIBEIRO, José da Silva (2004), *Antropologia Visual. Da minúcia do Olhar Distanciado*, Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (1998), "Sobre a autonomia das novas identidades colectivas: alguns problemas teóricos", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol 13, nº 38, São Paulo.

SIMMEL, Georg, 1997 [1903], "A metrópole e a vida do espírito" in Fortuna, Carlos (org.) *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*, Oeiras: Celta, 31-43.

SOBRAL, José Manuel (1999), *Trajectos: O Presente e o Passado na Vida de Uma Freguesia da Beira*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

WIRTH, Louis (1997), "O Urbanismo como Modo de Vida", in Carlos Fortuna (org.) *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, 45-66.